

A MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA DOS NOMES DAS RUAS DE CACHOEIRA-BA

*Raquel Fontes Santana
Maria da Conceição Reis Teixeira*

INTRODUÇÃO

Cachoeira, uma das primeiras vilas fundadas no Brasil, viveu o seu apogeu econômico, político e cultural na emergência da República. A construção da ponte D. Pedro II e a ampliação da malha ferroviária até Minas Gerais contribuíram significativamente para o seu desenvolvimento econômico e populacional, ganhando prestígio no cenário regional e nacional. Essa cidade também foi palco de muitos movimentos culturais e deu vazão às tradições religiosas cristãs, difundidas pelos portugueses, e às de matrizes africanas praticadas pelos afrodescendentes, atribuindo-lhes contornos singulares.

De acordo com observações *in loco* e consulta a documentos do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), o município, diferentemente de outras urbes brasileiras, não possui organização espacial distribuindo os logradouros em bairros, mas em quarteirões e/ou zonas. Neste aspecto, atualmente, a cidade encontra-se estruturada territorial e administrativamente em três quarteirões, a saber: Caquende (1º quarteirão), Centro Histórico (2º quarteirão) e Recuada (3º quarteirão).

Em função de sua relevância histórica e cultural no cenário baiano e por acreditarmos que os topônimos guardam em si marcas muito particulares da

cultura e da sociedade que os empregam, estabelecemos como meta empreender estudo de caráter linguístico para inventariar os nomes das ruas do Caquende, primeiro núcleo de povoamento da cidade de Cachoeira, visando a identificar a motivação toponímica que conduziu às escolhas nominativas, quando do batismo dos logradouros, pelo poder público daquele município.

Espaço e cultura são indissociáveis, pois toda sociedade necessita de um espaço que possa lhe servir de suporte. Enquanto sujeito sociocultural, o ser humano se compreende no lugar em que habita, e pertencer a um local significa empoderá-lo, transformá-lo e humanizá-lo. Nomear lugares é um processo que adquire uma pluralidade de simbolismos e identidades corresponsáveis pelas manifestações dos costumes e das práticas culturais dentro de cada época, no qual estabelece e indica uma dominação de território e define espaços como pertencentes a determinado grupo social.

Os estudos em toponímia, subárea da onomástica, são de grande relevância para a preservação da história cultural de um povo, especialmente porque, através da análise dos topos, é possível avivar aspectos da sociedade que se encontravam “esmaecidos” em função da ação do tempo e, muitas vezes, da sobreposição de outras culturas e de outras formas de ver e conceber o mundo resultante da dinâmica evolutiva da humanidade e do contato entre culturas. Dessa forma, ao analisar as práticas de nomeação dos lugares, podem-se desvendar aspectos históricos, as relações estabelecidas pelo homem com o ambiente e, por conseguinte, entender as circunstâncias do processo de territorialização dos espaços. Nessa direção, Gonçalves (2007) afirma que, através do batismo dos nomes dos lugares, criaram-se identidades, pertencimentos e territorialidades que, aos poucos, foram sendo aceitas pela comunidade.

A análise que se almeja desenvolver aqui incide sobre dezesseis topônimos oficiais designativos de ruas que integram a zona Caquende, os quais foram categorizados e dispostos em fichas lexicográfica-toponímicas por Santana (2019), seguindo os princípios teóricos e metodológicos comumente empregados em estudos toponímicos no Brasil orientados pela classificação toponímica proposta por Dick (1992).

1 BREVES NOTAS SOBRE A CIDADE DE CACHOEIRA

Cachoeira, emancipada em 13 de março de 1837, é uma das cidades mais antigas do Brasil, com mais de 400 anos de história, isso sem levar em consideração o ano (1531) em que os primeiros portugueses chegaram à região

para povoá-la. A cidade ergueu-se em volta de pastos e estalagens de animais e pessoas que subiam e chegavam do sertão. O município desenvolveu-se economicamente por conta das atividades agrícolas do cultivo do açúcar e do tabaco.

Apesar de sua longevidade e história, atualmente, é um dos menores municípios da Bahia. Sua área corresponde aproximadamente a 398,5 km² (IBGE, CENSO, 2000). Cachoeira compreende uma faixa à borda da Baía de Todos os Santos, na zona dos solos massapê e zona elevada do recôncavo baiano, conhecida como zona dos tabuleiros, onde floresceu a agricultura canavieira para a produção do açúcar e o tabaco, respectivamente, primeiro e segundo produtos da economia baiana naquele período. Está localizada na zona do litoral oeste da Baía de Todos os Santos, na zona fisiográfica do Recôncavo, limitado a norte com o município de Conceição da Feira; a sul com Maragogipe; a leste com Santo Amaro; a oeste com São Felix, município que está separado pelo Rio Paraguaçu aproximadamente pela distância de apenas 300 metros.

É difícil dimensionar a sua magnitude, no que se refere à questão econômica, para a Bahia, sem levar em consideração sua posição eco geográfica com relação à Baía de Todos os Santos, isto é, com o principal porto brasileiro, que era o de Salvador, onde o rio Paraguaçu era um “braço de mar”, funcionando como meio de comunicação quase que obrigatório entre esse território.

Segundo relatos do cronista Silva (1942), a região do Caquende, objeto do presente estudo, teve origem quando da construção do convento da Ordem Terceira do Carmo. Acredita que naquele local vivia uma comunidade indígena, que exercia atividades de pescadores, de canoieiros e de artesãos. Por exemplo, a travessia de Cachoeira para São Felix pelo Rio Paraguaçu através de canoas era uma atividade desenvolvida pelos índios com a supervisão e a chancela da referida ordem. Essa prática sobreviveu até 1980 e todos os canoieiros, os artesãos, os ceramistas e os pescadores eram moradores do Caquende. Ainda segundo Silva (1942), na primeira metade do século XIX, essa região fazia parte das terras do antigo Engenho São Carlos do Navarro, que pertencia à esposa do falecido comendador Manuel Jacintho Navarro de Campos.

Como aconteceu em outras regiões do país, Cachoeira também recebeu um contingente significativo de africanos que foram trazidos para serem explorados no trabalho forçado especialmente nas diversas atividades do agronegócio açucareiro e fumageiro. Natural, portanto, que eles trouxessem consigo sua língua, sua cultura, suas crenças, seus valores. Em solo cachoeirano, homens e mulheres africanos ressignificaram a cultura local, enriquecendo-a, incorporando elementos de suas práticas culturais, nas festividades cívicas e religiosas, por exemplo.

As festas religiosas representam muito no que se refere às tradições de um povo, suas características, suas raízes. Muitas destas festas são marcadas pelo sincretismo religioso de prática cristã e de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. Destacamos aqui a festa da Nossa Senhora da Boa Morte para ilustrar a forte presença do sincretismo religioso na cultura do povo cachoeirano.

A festa de Nossa Senhora da Boa Morte acontece todos os anos durante a primeira quinzena do mês de agosto em agradecimento a Nossa Senhora pela liberdade alcançada da escravidão a que estavam sujeitos no Brasil. A Irmandade da Boa Morte, composta apenas por mulheres de meia idade e afro-descendentes, organiza a celebração. Tudo é preparado antecipada e cuidadosamente para manter viva na memória dos mais jovens o sofrimento e luta de seus ancestrais.

O rito da celebração a Nossa Senhora da Boa Morte tem elementos da cultura africana e cristã portuguesa. A própria santa cultuada, Nossa Senhora, é Maria, a mãe de Jesus, que, em Cachoeira, recebe o nome de Nossa Senhora da Boa Morte. Além disso, elementos das práticas cristãs e práticas de matrizes africanas se entrelaçam em todo o ritual. Faz parte desse ritual uma procissão que percorre as principais ruas da cidade. Nela as mulheres, trajando ricas e luxuosas vestes e portando adereços e joias, cantam e rezam acompanhando o andor que segue à frente com a santa. Ao término da procissão, é servida uma ceia farta em comidas e bebidas típicas, enquanto os participantes cantam e dançam samba-de-roda, elemento típico da cultura afro-brasileira.

2 LÍNGUA, LÉXICO, CULTURA E O ESTUDO TOPONÍMICO

O homem utiliza-se da linguagem para se relacionar com seus semelhantes e para interagir com o mundo a sua volta. Acredita-se que ele não conseguiria viver sem a utilização da linguagem e sem a interação social. Nesse processo interativo, à medida que as relações vão se tornando mais complexas, faz-se necessária a criação de novos objetos e o estabelecimento de novas relações, criam-se novas necessidades, desejos e anseios. Para todas as coisas que são criadas, faz-se também necessária a atribuição de um nome para que a coisa, o objeto, os seres sejam identificados. Isso não é diferente com os elementos da natureza nem com os espaços ocupados pelo homem. Batizar com um nome é uma prática própria do ser humano.

Através do uso da linguagem, o homem deixa registrados sua história, sua cultura, sua língua, seus costumes, suas crenças, seus valores e suas formas

de ver e conceber o mundo circundante. Segundo Teixeira (2019), de todos os subsistemas da língua é o léxico o que possibilita o registro dos legados culturais elaborados pelas civilizações ao longo dos anos. Por isso, se quisermos conhecer um pouco da cultura de uma comunidade, do ponto de vista linguístico, necessário se faz estudar o léxico dessa comunidade. É por meio do léxico que podemos adentrar na estrutura social, nas teias culturais, nos contatos entre povos e verificar como as sociedades se organizam e como elas se relacionam com a natureza e com o próximo, por exemplo. Nesta direção, Sapir (1961) assevera que

O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade; e, por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo, poderíamos daí inferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado. (SAPIR, 1961, p. 45)

É incontestável a relação da língua com a cultura. É através da língua que o homem demonstra seus pensamentos e percepções, evidencia suas experiências da sociedade e reflete suas práticas culturais e significados compartilhados, por isso, ao considerar o caráter social da língua, devemos incluir a cultura como um elemento entre o aspecto social e o aspecto linguístico. Portanto, a língua é um fenômeno que permeia as manifestações culturais do ser humano. Nessa direção, Câmara Jr (1954, p. 193) afirma que “[...] a língua, considerada em sua essência, é mais do que uma simples manifestação cultural: é o veículo através do qual toda cultura se consolida, se intercambia e se transmite”. Biderman (1989, p. 399) parece comungar da mesma ideia, ao afirmar que

[...] o léxico é o tesouro vocabular de uma língua, incluindo a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado da sociedade. Esse tesouro constitui um patrimônio da sociedade, juntamente com outros símbolos verbais da cultura.

Daí acreditarmos que realizar um estudo lexical é mergulhar na cultura, na história e na dinâmica social da comunidade que emprega esse léxico, pois este registra todos os padrões éticos, políticos, sociais, ideológicos, e todas as relações de poder intrínsecas nos agrupamentos sociais. Uma das formas de adentrar neste universo é empreendendo estudo onomástico, investigando os nomes próprios de pessoas – antroponímia – ou de lugares – toponímia.

Os nomes de pessoas ou de lugares refletem o modo de viver e os significados compartilhados por determinada comunidade. Para Dick (2007), estes são importantes instrumentos para a construção do perfil histórico de uma sociedade, pois são indícios de “[...] rumos tomados pelos falares ao

longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais valorizadas pela população” (DICK, 2007, p. 141). Ainda segundo Dick (2007), os nomes próprios personativos carregam todas as marcas da descendência gentílica:

[...] O nome doado e conhecido coloca o receptor no centro de convergências positivas e negativas, ou de vetores de forças que definirão personalidades e comportamentos, condutas e estilos de vida, tornando nome e indivíduo uma só entidade. (DICK, 2007, p. 218).

Os nomes de lugares, por sua vez, são, segundo Dick (1990, p.19), “[...] um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. [...] dos elementos atuantes, que se entrecruzam sob as formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional”. Quando o homem batiza um lugar com um nome não o faz inconscientemente, pelo contrário, a escolha do nome é motivada e segue padrões já cristalizados no seio da sociedade da qual o denominador faz parte. Por isso, a prática da nomenclatura dos espaços geográficos pode ser considerada prática social e cultural. Adentrar no universo da pesquisa toponímica é enveredar pelos meandros das práticas culturais, analisando e mapeando as motivações que levaram aquela sociedade a dar nomes aos topos. Em função disso, Dick (1992, p. 112) considera os topônimos como sendo verdadeiras crônicas de uma comunidade, capazes de gravar o presente para que possa ser acessado pelas gerações futuras.

Entendendo que todo ato de nomeação é permeado pelos valores sociais, políticas e culturais da comunidade, Dick (1990), em conformidade com a natureza motivacional dos topos analisados em seus estudos sobre a toponímia brasileira, elaborou um modelo de classificação toponímica composto por vinte e sete *taxes*, sendo onze relacionadas ao ambiente físico e dezesseis relacionadas aos aspectos socioculturais e históricos ao qual o homem está inserido em sua vida em sociedade.

As onze *taxes* de natureza física, segundo Dick (1992), são astrotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimo, hidrotopônimos, litotopônimos, meteorotopônimos, morfotopônimos, zootopônimos. São *taxes* de natureza antropocultural: animotopônimo ou nootopônimo, antropotopônimos, axiotopônimos, corotopônimos, cronotopônimos, dirrematopônimo, ecotopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, hierotopônimos, hagiotopônimos, mitotopônimos, historiotopônimos, hodotopônimos, numerotopônimos, poliotopônimos, sociotopônimos, somatopônimos.

3 UMA ANÁLISE TOPONÍMICA DAS RUAS DE CACHOEIRA

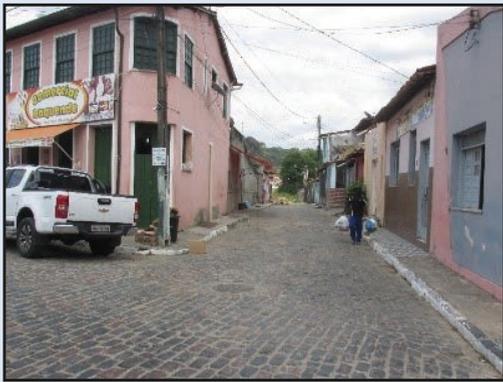
Como vimos nos parágrafos anteriores, realizamos investigações no âmbito da toponímia para decifrar, a partir de uma análise linguística e histórico-cultural dos nomes dos topos, as motivações que presidiram cada ato nominativo dos espaços pelo homem. No processo de mapeamento da motivação toponímica dos nomes de ruas de Cachoeira, além de adotarmos tal modelo de classificação taxionômica, utilizamos as fichas lexicográfico-toponímicas também sugeridas por Dick (1992) para os estudos realizados nesta área da onomástica.

Nas fichas lexicográfico-toponímicas constam informações sobre a etimologia, a estrutura morfológica e características culturais. Tais informações servem como instrumento de orientação ao pesquisador para a identificação do signo toponímico e de sua motivação, que pode estar relacionada a características do próprio espaço físico onde os topos se encontram ou relacionada a crenças, a impressões culturais, a sentimentos edificadas ao longo do tempo pela sociedade.

Para obtenção dos dados referentes à etimologia dos topônimos analisados, recorreremos ao auxílio de Cunha (1997) e Nascentes (1932), mas algumas vezes se fez necessário consultar lexicógrafos contemporâneos, como, por exemplo, Aulete (1986), Ferreira (2001), Houaiss (2009).

Nas fichas lexicográfico-toponímicas adotadas no presente estudo, constam os seguintes itens: TOPÔNIMO: neste campo, designa-se o nome do lugar que envolve o *corpus* da pesquisa; TAXIONOMIA: compreende as taxes ou terminologias de categorização dos topônimos propostas por Dick (1992); ACIDENTE: informa-se se são humanos – que resultam da ação humana – ou natural, quando tratar-se de nome que se refira a elementos da natureza física, seja ele do reino vegetal, seja do reino animal, seja do reino mineral; ORIGEM: informa a etimologia do topônimo; IMAGENS: apresentam-se fotografias do logradouro ou de placas constando o nome; ESTRUTURA MORFOLÓGICA: apresenta a composição dos topônimos, classificando-os em elemento específico simples, e elemento específico composto híbrido; HISTÓRICO: São registradas as alterações nomenclatórias que envolveram o topônimo pesquisado ao longo do tempo; INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: fornece informações sobre a história do topônimo. A figura 1 traz como ilustração o modelo de ficha lexicográfica-toponímica utilizada por Santana (2019) em sua dissertação de mestrado.

Figura 1 – Modelo de ficha lexicográfico-toponímica

09 TOPÔNIMO: Rua Porto do Dendê	TAXIONOMIA: Sociotopônimo ¹
ACIDENTE: Humano/rua	
ORIGEM: PORTO, do latim <i>portus, us</i> . Substantivo feminino ‘lugar da costa ou em um rio, lagoa etc., que pode oferecer às embarcações certo abrigo, lhes permite fundear e estabelecer contato com a terra. DENDÊ, do quimbundo <i>ne ‘ne – dedeZ EIRO 1844</i> . Substantivo masculino ‘palmeira africana, aclimatada no Brasil’ ‘o fruto dessa palmeira’ ‘o óleo que se extrai desse fruto’ 1844. (CUNHA, 1997)	
IMAGEM:	
Fonte: Santana (2019).	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Elemento específico composto	
HISTÓRICO: Porto do Calão > Caieira > Rua Porto do Dendê Sociotopônimo > Sociotopônimo > Sociotopônimo	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em 1897, o livro de “Lançamento de décimas”, Cachoeira 1897, acondicionado no Arquivo Público Regional de Cachoeira, na seção Documentos diversos não catalogados, datado de 1897, registra o nome Rua Porto do Dendê. Entretanto, não há outros documentos oficiais que atestem a denominação logradouro em pauta como sendo Porto do Dendê. Conforme informações colhidas <i>in loco</i> , essa localidade é também denominada de Porto do Calão, em função de, naquele local, próximo às margens do Rio Paraguaçu, serem construídas embarcações de pequeno calado, como, por exemplo a canoa e pequenos saveiros. Daí o emprego do termo Calão. Depois, naquele mesmo local, foi instalada uma fábrica de cal, dando origem ao topônimo Caieira.	

Fonte: As autoras

¹ Sociotopônimos são aqueles nomes designativos das atividades profissionais, dos locais de trabalho e dos pontos de reunião de um grupo.

Na análise aqui empreendida, selecionamos apenas os dezesseis nomes designativos dos logradouros da zona Caquende em que figura o nome genérico rua. Todos os topos integrantes da amostra analisada foram categorizados de acordo com a nomenclatura taxionômica proposta por Dick (1992), consoante a sua natureza motivacional ter como base elementos da natureza física ou elementos de natureza antropocultural, sempre levando em consideração apenas os aspectos linguísticos e históricos culturais. O quadro 1 traz os topônimos que integraram a amostra aqui analisada, organizados conforme a sua classificação taxionômica.

Quadro 1 – Categorias taxionômicas dos nomes oficiais das ruas do Caquende

	CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA	TOPÔNIMOS
NATUREZA ANTROPOCULTURAL	Antropotopônimos	Rua Augusto Públio Rua Geraldo Simões Rua Manoel Santana Melo
	Axiotopônimos	Rua Conselheiro Virgílio Damásio Rua Doutor Inocêncio Boaventura Rua Doutor João Vieira Lopes
	Historiotopônimos	Rua Ana Nery Rua Ruy Barbosa Rua 15 de Novembro Rua 07 de Setembro Rua 13 de Maio Rua 13 de Março Rua 25 de Junho
	Sociotopônimos	Rua Correr da Serra Rua Porto do Dendê.
	Hierotopônimo	Rua do Rosário

Elaboração das autoras.

Com base nas referências taxionômicas, verificamos que os topônimos analisados foram todos de natureza antropocultural, ou seja, os nomes das ruas da zona do Caquende tiveram como motivação os elementos da cultura material, os nomes próprios individuais, os títulos, os movimentos de cunho histórico-social, os nomes sagrados e as atividades profissionais.

A prevalência das *taxes* de natureza antropocultural em detrimento das de natureza física parece ser recorrente na toponímia urbana brasileira. Oliveira (2014), ao analisar a toponímia urbana da região central da cidade de Campo Grande-MS, constatou a influência de condutas motivadoras de natureza antropocultural. O *corpus* estudado revelou que 79% dos topônimos pertenciam a esta categoria. Ainda no âmbito da toponímia urbana do estado de Mato Grosso do Sul, as investigações de Bittencout (2015) e de Cavalcante (2016) e em outros estados como Cioatto (2012) também apontam para a baixa produtividade dos topônimos de natureza física e maior incidência entre os de natureza motivacional antropocultural.

Merece aqui também menção a pesquisa realizada por Gomes (2017) que analisou 40 topos designativos de ladeiras da cidade do Salvador-BA. Os seus resultados apontam para o predomínio das *taxes* de natureza antropocultural. No que diz respeito aos nomes de ladeiras, constatou que 70% dos topos analisados pertenciam às categorias desta natureza, sinalizando mais uma vez para o contraste entre esta e a toponímia rural, cuja fonte motivadora é o meio ambiente, como, por exemplo, os minerais, a fauna e a flora que compõem toda a biodiversidade do espaço nominado, e a toponímia urbana.

Uma análise mais sistemática da amostra aqui estudada, observando as categorias taxionômicas, revelou a prevalência dos *historiotopônimos*, *antropotopônimos* e dos *axiotopônimos*. Os primeiros são nomes designativos de pessoas, de fatos históricos ou de datas que marcam a ocorrência de acontecimentos considerados relevantes na/para a história social, política e cultural da comunidade considerada. Os segundos são nomes próprios individuais atribuídos a pessoas, como, por exemplo, prenomes, apelidos de família e alcunhas, que foram homenageadas em função do seu prestígio social. Os últimos dizem respeito aos nomes próprios antecédidos de títulos ou dignidade, como doutor, conselheiro.

A reunião dos *antropônimos* (03 ocorrências), dos *axiotopônimos* (03 ocorrências) e dos *historiotopônimos* que designam personalidades históricas (02 ocorrências) perfaz um total de oito ocorrências. Em termos percentuais, este quantitativo corresponde a 50% do universo de 16. Na comunidade estudada, faz parte da prática denominativa dos logradouros a utilização de nomes de pessoas para batizar tais espaços como forma de render homenagens àqueles indivíduos que desempenharam papel significativo na sociedade.

Os resultados aqui encontrados nesta categoria também apontam para a convergência com os resultados dos estudos citados anteriormente. Cavalcante

(2016), por exemplo, afirma que, no âmbito da nomeação dos logradouros da região do Imbirussu-MS, os antropônimos (34,5%) foram a taxionomia mais recorrente, ratificando a tendência da toponímia urbana a homenagear pessoas. Quanto à utilização de nomes personativos na toponímia, Dick (1990) assegura que tais nomes exercem:

[...] o papel de verdadeiros registros do cotidiano, revelando em atitudes e posturas sociais, específicas de determinados grupos humanos, preservam, por isso mesmo, a memória coletiva, principalmente nas sociedades ágrafas, onde sua importância é muito notável pela ausência de outras fontes de análises. (DICK, 1990, p. 286)

Cabe observar que, dentre os oito nomes próprios empregados para nomear as ruas, apenas um era de mulher (Rua Ana Nery). Os demais, além de serem nomes de homens, fazem referência a pessoas que detêm poder político, econômico e social, revelando que o processo de denominação de espaços urbanos em Cachoeira é marcado por traços socioculturais da identidade do povo com base no papel social de prestígio dos sujeitos que ocupam tais espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises dos dados constantes nas fichas lexicográfico-toponímicas permitem-nos inferir que, no ato nominativo dos espaços urbanos, o denominador leva em consideração os valores sociais, culturais já cristalizados no seio da sociedade da qual fazem parte, revelando que o homem da *urbe* tem pouca percepção do ambiente circundante e, em contrapartida, interage de forma mais estreita com aspectos socioculturais. Na amostra analisada, não foram inventariados topônimos que rendessem homenagens aos elementos pertencentes ao reino animal, vegetal e mineral. Verificamos a presença significativa de topos pertencentes à categoria dos historiopotônimos, que são aqueles topônimos com os quais o denominador rende homenagens a fatos históricos, seja ele no plano local, seja regional, seja nacional. Tal presença nos leva a crer que, pelo menos para aqueles que exercem o poder de nomear oficialmente os espaços, ainda permanecem cristalizados na memória do povo de Cachoeira os principais fatos e as principais personalidades que atuaram na tessitura histórica da cidade desde a sua fundação.

Os dados também apontaram para a presença significativa dos antropônimos. Os espaços urbanos são aglomerados humanos, natural, portanto, que seja comum, na prática de nomeação dos espaços, prestar homenagens a pessoas que tiveram presença significativa naquela sociedade.

Verificamos ainda o apagamento dos elementos da cultura afro-brasileira, uma vez que não foi inventariado nenhum topônimo de origem de uma língua africana ou que pertencesse às suas práticas culturais. Este apagamento é muito significativo, especialmente porque a região estudada foi construída pela expressiva presença física, intelectual, cultural, linguística e laboral de homens e mulheres oriundos do continente africano. Natural seria a sua presença também na prática denominativa dos espaços.

A compreensão desse apagamento só poderá ser entendida se concebermos o topônimo como fóssil linguístico. Diferentemente da toponímia rural e paralela, na toponímia urbana, quem tem o poder de atribuir e oficializar um nome de um logradouro público é aquele que exerce o poder político, econômico e social. A ausência dos fósseis linguísticos aponta para a construção do perfil histórico de uma sociedade que, consciente e arduamente, trabalhou para o silenciamento de muitas vozes, tomando posse simbólica e real dos espaços que, em essência, pertenciam a outros sujeitos.

REFERÊNCIAS

AULETE, F.J.C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Delta, 1986.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico: testemunho de uma cultura. In: *Anais do XIX Congresso internacional de Linguística e Filologia Românica*. Santiago de Compostela, 1989.

BITTENCOUT, Karla Porto. *Léxico toponímico urbano da cidade de Três Lagoas/MS: interfaces entre léxico, cultura e história*. 2015. 227f. Dissertação (Mestrado) – UFMS, Três Lagoas/MS, 2015.

BRASIL. IBGE. *Censo demográfico, 2000*. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CÂMARA JR., J. M. *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da Língua Portuguesa*. 2. ed., rev. e aument. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1954.

CAVALCANTE, Lécia Barbosa da Silva. *Léxico toponímico urbano na cidade de Campo Grande/MS: região do Imburussu*. 2016. 272f. Dissertação (Mestrado) – UFMS, Campo Grande/MS, 2016.

CIOATTO, Fernanda Bassanessi. *Os nomes dos municípios de São Marcos: linhas, comunidades, bairros e ruas*. 2012. 102f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do estado de São Paulo, 1990.

_____. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

_____. Atlas Toponímico do Brasil: Teoria e Prática II. In: *Revista Trama*, v. 3, n. 5. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p. 141-111.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. 2009. 3. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

GOMES, Marta Maria. *O sobe e desce soteropolitano: um estudo toponímico de ladeiras*. 2017. 146f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

GONÇALVES, Teresinha Maria. *Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

OLIVEIRA, Lécia Alves Correia. *Toponímico urbano de Campo Grande/MS: um olhar etnodialectológico e linguístico*. 2014. 245f. Dissertação (Mestrado) – UFMS, Campo Grande/MS, 2014.

SANTANA, Raquel Fontes. *Histórias e memória das ruas e das praças de Cachoeira-Ba: um estudo toponímico*. 2019. 104f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2019.

SAPIR, Edward. *Língua e ambiente*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SILVA, Pedro Celestino da. *Datas e tradições cachoeiranas*. Tipografia Progresso, Salvador, Bahia. 1942.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. Enveredando pela seara da flora e da fauna: um estudo lexicológico em Seara vermelha de Jorge Amado. In: MADUREIRA, André Luiz Gaspari; ABBADE, Celina Márcia de Souza; SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles. *Estudos de linguagem: léxico e discurso*. Curitiba: Appris, 2019.